

O CICLO DO MARABAIXO MACAPAENSE: DISCURSOS, LUTAS E REPRESENTAÇÃO SOCIAL^{1 2}

(The Ciclo do Marabaixo Macapaense: discourse, struggles and social representation)

Ednaldo Tartaglia³

Universidade Federal do Amapá – UNIFAP

Universidade Estadual de Maringá – UEM

ABSTRACT

In this work, we made a historical-discursive exposition of the black social actors and the religious festivals known by Ciclo do Marabaixo. Thus, this research is based on the Critical Discourse Analysis (ACD), especially on the theoretical and methodological assumptions of Norman Fairclough (2016). We analyze various discursive materialities in which the black subjects discursived and are discursived, for example: media articles, law and music lyrics. We describe analytically that the social actors maintained resistance before some repressive actions of the State and of the Catholic Church in silencing the black subjects and the Ciclo do Marabaixo of Macapá, in the state of Amapá. We have recorded some social struggles of the black subjects over the centuries and the recognition of the Ciclo do Marabaixo by the State and the Church at the beginning of the XXI century.

Keywords: Discourse. Ciclo do Marabaixo. Black subjects. Social struggles. Representation.

RESUMO

Neste trabalho, fizemos uma exposição histórico-discursiva dos atores sociais negros e dos festejos religiosos conhecidos por Ciclo do Marabaixo. Assim, esta pesquisa está calcada na Análise Crítica do Discurso (ACD), especialmente nos pressupostos teóricos e metodológicos de Norman Fairclough (2016). Analisamos variadas materialidades discursivas em que os sujeitos negros discursivizam e são discursivizados, como exemplo: matérias jornalísticas midiáticas, lei e letra de música. Descrevemos analiticamente que os atores sociais mantiveram resistência diante de algumas ações repressoras do Estado e da Igreja Católica em silenciar os sujeitos negros e o Ciclo do Marabaixo de Macapá, no estado do Amapá. Registramos algumas lutas sociais dos sujeitos negros ao longo dos séculos e o reconhecimento do Ciclo do Marabaixo pelo Estado e pela Igreja no início do século XXI.

Palavras-chave: Discursos. Ciclo do Marabaixo. Sujeito negro. Lutas sociais. Representação.

INTRODUÇÃO

O Ciclo do Marabaixo ou o Marabaixo é considerado o maior evento folclórico do estado do Amapá, Brasil, e acontece principalmente nas cidades de Mazagão e Santana, bem como na capital do estado, Macapá. Ele congrega festejos em devoção aos santos da Igreja Católica, entretanto, isso se dá com elementos da cultura africana, ou seja, é um amálgama

¹ O presente artigo é um recorte de minha tese, que está em andamento, analisado sob a ótica da Análise Crítica do Discurso.

² Esta pesquisa foi parcialmente financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (PRODOUTORAL).

³ Professor do curso de Letras Português da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, Campus Santana. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá – PLE/UEM e integrante dos grupos de estudos: NELAM/UNIFAP, GEF/UEM e GELLSO/UNIR. E-mail: ednaldo.tartaglia@gmail.com.

entre elementos do catolicismo e de religiões africanas. O Marabaixo é cultuado por grupos remanescentes de escravos e refugiados negros amapaenses. O Ciclo produz discursos e também se tornou alvo de discursos que, muitas das vezes, tentou silenciar os sujeitos negros e suas práticas ritualísticas.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é colocar em visibilidade parte da história do Ciclo do Marabaixo de Macapá, ancorado em uma perspectiva sócio-discursiva em que os sujeitos, como atores sociais, não se mantiverem silenciados e, através de suas ações e de seus dizeres, tentam manter vivas as tradições do Ciclo. Desse modo, essa pesquisa se inscreve no campo teórico e, ao mesmo tempo, metodológico da Análise Crítica do Discurso (ACD), principalmente, sustentada no modelo tridimensional de análise discursiva de Fairclough (2016), isto é, o modelo de análise que se debruça nos estudos do texto, do discurso e da sociedade.

Procuramos mostrar como os atores sociais negros foram representados discursivamente do século XIX ao século XI, ao ponto de se manterem resistentes em relação ao exercício de poderes de silenciamento do Estado e da Igreja Católica. Para isso, o nosso *corpus* de análise se constitui por materialidades diversas, como reportagens, letra de música e lei a respeito dos sujeitos negros e do Ciclo do Marabaixo de Macapá, bem como pelos parcos materiais bibliográficos a respeito dessa festividade.

Este estudo se caracteriza como uma forma de pesquisa social que leva em consideração grupos minoritários negros que foram marginalizados discursivo e socialmente ao longo da história do Amapá. Assim sendo, esta pesquisa equivale a uma análise teórica crítica dos discursos institucionais e dos discursos dos/sobre os sujeitos negros do Marabaixo macapaense.

Nesse sentido, fizemos um breve relato inicial sobre a história do Ciclo do Marabaixo para situar o sujeito leitor sobre nossa discussão. Na sequência, algumas reflexões a respeito da Análise Crítica do Discurso. Por fim, procuramos, ao longo de nossa análise, mostrar a história do Ciclo em discursos que ora representa os sujeitos negros, ora os silencia, ora retrata as lutas dos atores sociais, ora aponta para a repressão de algumas instituições em relação ao Marabaixo, ora remete às conquistas desse grupo social em relação à hegemonia do Estado e da Igreja Católica.

1 O CICLO DO MARABAIXO COMO PRÁTICA SOCIOCULTURAL DOS SUJEITOS NEGROS

Abordagens com os sujeitos negros foram temáticas de outros trabalhos que fizemos, explorando questões sociais e culturais na Região Norte do Brasil, entretanto, essas pesquisas foram calcadas no multiculturalismo (TARTAGLIA, 2014; TARTAGLIA; BURGEILE, 2015). Nesses estudos, tratamos de temas relacionados à imigração negra do século XXI, especialmente, no que diz respeito aos imigrantes haitianos, observando os conflitos, as resistências e as dificuldades desses sujeitos no território brasileiro. Agora, procuramos trabalhar com outros sujeitos, os sujeitos negros amazônicos, pelo viés da ACD.

Nesta seção, procuramos fazer algumas explicações a respeito do Ciclo do Marabaixo e dos sujeitos cultuadores desse festejo, sem a pretensão de esgotar o tema, bem como advertimos que, na seção analítica, também procuramos contar a história do Ciclo e dos atores sociais do Marabaixo por meio de textos e de discursos que compreendem as adversidades sofridas pelos sujeitos negros do extremo norte amazônico e pelo próprio Ciclo, desde o século XIX até o século XXI.

Como já apresentamos na introdução, o Marabaixo é um evento religioso que está diretamente ligado a rituais da Igreja Católica, bem como a de religiões africanas. É praticado no extremo norte da Amazônia brasileira, isto é, no estado do Amapá, principalmente nos municípios de Mazagão, Santana e, na capital, Macapá. Não temos datas precisas da origem desse evento no Amapá, algumas pesquisas apontam sua origem no período colonial, no século XVIII (PEREIRA, 1989; CANTO, 1998). O Ciclo é cultuado, especialmente, por sujeitos remanescentes de escravos e de refugiados negros do Amapá.

Não se sabe ao certo a origem do termo *marabaixo*. Alguns estudiosos relacionam o nome às longas travessias realizadas pelos escravos negros no Oceano Atlântico e atribui o *marabaixo* às correntes marítimas e aos ventos alísios associando à expressão “mar a baixo”. Outros associam o marabaixo a estudos etnológicos, isto é, uma variação de *marabuto* ou *marabut*, do árabe *marobit*, isto é, sacerdote do malês, buscando uma explicação pela influência mulçumana oriunda do Império afro-sudanês de alguns negros que foram para Mazagão, no século XVIII (PEREIRA, 1989; CANTO, 1998).

Assim sendo, na atualidade, o Marabaixo de Macapá é uma tradição festiva e religiosa afro-amapaense que une ciclos geracionais num período anual chamado de Ciclo do Marabaixo, pois se inicia após a Quaresma, no sábado de aleluia e se prolonga por cerca de 60 dias, terminando no domingo após *Corpus Christi*. Com isso, podemos observar que o Ciclo segue um calendário católico (OLIVEIRA, 1999; VIDEIRA, 2014).

O Marabaixo é um exemplo de sincretismo religioso ocasionado pela resistência negra, proporcionado pelos eventos desumanos da escravatura no período colonial brasileiro, em que os sujeitos negros se reinventavam para cultuarem seus deuses em meio à hegemonia do catolicismo e às repressões da Coroa portuguesa. Desse modo, no interior desses festejos, acontecem vários rituais com seus significados e simbologias próprias que vão desde orações e cultos aos santos católicos, como também o consumo de bebidas alcoólicas à base de gengibre⁴, o uso de roupas com estampas coloridas, a prática de cantos e danças ao som de tambores que envolvem o ritual discursivizado como profano, isto é, aquilo que foge à doutrina católica.

Os sujeitos negros praticantes do Marabaixo macapaense passaram historicamente por dois grandes processos de silenciamento na metade do século XX. O primeiro, promovido pelo Estado e consistiu em retirar a população negra da área central de Macapá e realocá-la em bairros periféricos (Laguinho e Favela), motivado por uma ideologia preconceituosa de progresso urbano baseado no branqueamento da população. O segundo, diz respeito à tentativa de apagar os elementos religiosos de matrizes africanas presentes no Ciclo do Marabaixo. Assim, a instituição Igreja fechou as portas da igreja de São José de Macapá para o Ciclo, por considerá-lo profano e imoral.

2 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO: ALGUMAS REFLEXÕES

Nesta seção, tecemos sucintamente o panorama histórico da Análise Crítica do Discurso (ACD) para melhor compreender nosso recorte de trabalho e discutirmos a respeito de alguns termos conceituais que sustentou nossa análise.

A Análise Crítica do Discurso a qual estamos trabalhando teve sua origem no conhecido Grupo Científico dos Iguais que se reuniu em um simpósio em Amsterdã, no ano de 1991, para discutir sobre o aspecto social da linguagem para uma nova abordagem que emergia naquele momento no interior da Linguística Crítica. Esse grupo foi composto por cinco estudiosos: Gunther Kress, Norman Fairclough, Teun van Dijk, Theo van Leeuwen e Ruth Wodak. A partir desse evento, a ACD começou a ganhar força na Europa e foi implementada no Brasil, em 1993, pela Professora Izabel Magalhães da Universidade de Brasília – UNB (CALDAS-COULTHARD, 2008; SILVA, 2012; BARROS, 2015).

⁴ A bebida do Marabaixo chama-se gengibirra e é produzida com aguardente, açúcar e gengibre. O gengibre é atribuído ao gosto de alguns orixás da cultura afro-brasileira.

A ACD se constitui como uma perspectiva de caráter multidisciplinar que se inscreve como método de análise, fazendo uso dos estudos da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday, transitando também pela Análise do Discurso francesa (Foucault e Pêcheux), além de dialogar com estudos da Antropologia, da Sociologia, da Psicologia e dos Estudos Culturais.

A grande contribuição de Halliday para a ACD foi a análise multifuncional da sentença, pois essa análise contempla as três funções sociais da linguagem. A função ideacional pautada na representação social. A função interpessoal, isto é, as ações sociais envolvidas na produção discursiva. E a função textual que verifica as estruturas textuais, as marcas ideológicas e as intenções de quem discursiviza (HALLIDAY, 1970; 1985 *apud* MELO, 2009, p. 10).

Fairclough (2016) propõem uma teoria social do discurso textualmente orientada e isso se torna a base teórica da ACD. Nesse sentido, o autor assevera:

Minha abordagem é determinada [...] (por) reunir a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, na forma de um quadro teórico que será adequado para uso na pesquisa científica social e, especialmente, no estudo da mudança social (FAIRCLOUGH, 2016, p. 93).

Assim, nessa citação, podemos perceber que a ACD também é uma abordagem interdisciplinar calcada no discurso e na mudança social. O autor ainda adverte que ao usar a palavra ‘discurso’, propõe “considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 94).

Fairclough (2016) dá importância a algumas discussões de Foucault e as trazem para o interior da ACD. Desse modo, ele destaca

a formação discursiva de objetos, sujeitos e conceitos. O discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidade e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significações do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95).

O autor também propõe a concepção tridimensional do discurso que consiste em trabalhar o texto, as práticas discursivas (envolvendo a produção, a distribuição e o consumo) e a prática social. De acordo com Fairclough, esse modelo de análise procura reunir tradições analíticas que são indispensáveis na análise de discurso. Ele afirma que

a tradição macrossociológica de análise da prática social em relação às estruturas sociais e a tradição interpretativa ou microssociológica de considerar a prática social como alguma coisa que as pessoas produzem ativamente e entendem com base em procedimentos de senso comum partilhados (FAIRCLOUGH, 2016, p. 104).

A ACD é um campo teórico e metodológico que prioriza os estudos em favor dos desfavorecidos, em embates ideológicos com grupos hegemônicos e suas relações de poder sobre outros grupos. Nesse sentido, buscamos em Fairclough as discussões a respeito de ideologia e de hegemonia envolvidos nas práticas sociais. A respeito de ideologias, Fairclough (2016, p. 122) assevera que

são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais), que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação.

Nesses termos, a ideologia está implicitamente ligada à arte, ao direito, às atividades econômicas, etc., isto é, às manifestações sociais, sejam elas individuais ou de nível coletivo.

O conceito de hegemonia de Fairclough (2016) se sustenta na análise que Gramsci fez do capitalismo ocidental e da estratégia revolucionária na Europa Ocidental. Com isso, o autor afirma que a

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingindo senão parcial e temporariamente, como um 'equilíbrio instável'. Hegemonia é a construção de alianças e interação muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. A luta hegemônica localiza-se em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios (FAIRCLOUGH, 2016, p. 127-8).

Então, a hegemonia é um domínio e manutenção de relações de forças das esferas políticas, econômicas, culturais e ideológicas de uma sociedade. Um dos aspectos da luta hegemônica que contribui, em diferentes níveis, para a reprodução ou a transformação da ordem de discurso e das relações de poder da sociedade é a produção, a distribuição e o consumo de textos. Nesses termos, a linguagem passa a ser trabalhada como prática social e

“o discurso como um objeto historicamente produzido e interpretado em termos de sua relação com estruturas de poder e ideologia” (SILVA; RAMALHO, 2008, p. 265).

Portanto, aquilo que entendemos por Análise Crítica do Discurso, baseado nos estudos desenvolvidos por Fairclough, é uma orientação aos estudos da língua que agrega a análise textual com uma teoria social do funcionamento da língua em processos ideológicos e políticos (CALDAS-COULTHARD, 2008, p. 29).

3 DISCURSOS, REPRESENTAÇÃO E RESISTÊNCIA DOS/SOBRE OS ATORES SOCIAIS DO CICLO DO MARABAIXO MACAPAENSE

Nesta seção, analisamos textos de diferentes gêneros discursivos para mostrar como os atores sociais foram representados em discursos, bem como para colocar em visibilidade as suas lutas por representação social. Assim, elegemos textos como cantiga popular denominada de ladrão de marabaixo, lei e entrevistas jornalísticas midiáticas.

Para adentrarmos analiticamente nesses textos, recorreremos à Magalhães (2009) que faz alguns esclarecimentos sobre gêneros de texto e gêneros discursivos na ACD.

Entender gêneros como “gêneros de texto” é focalizar as convenções mais ou menos estáveis historicamente, atribuídas aos textos como eventos comunicativos das práticas das instituições sociais de uma dada cultura. Já entender gêneros como “gêneros de discurso” é privilegiar os discursos que são reproduzidos ou que se constroem nos textos (MAGALHÃES, 2009, p. 20-21).

Desse modo, analisamos gêneros de textos como práticas das instituições sociais e os discursos que são construídos nesses textos sobre e para os sujeitos. Van Leeuwen (1997) assevera que devemos buscar as maneiras como os atores sociais são representados nos textos, pois isso pode colocar, em visibilidade, os posicionamentos ideológicos em relação a eles e a suas atividades. Assim, de início, apontamos uma série de representações discursivas discriminatórias que foi politicamente elaborada e difundida, mesmo que de forma inconsciente na/pela comunidade social macapaense. Identificar e apontar esses dizeres são formas de contribuir para a conscientização de práticas discursivas que muitas das vezes são naturalizadas pela comunidade social.

Iniciamos a análise com um relato que foi documentado no Jornal Pinsonia em 31 de maio de 1899, em Macapá – AP. Em forma de crônica, Pancrácio Júnior registrou satiricamente os acontecimentos envolvendo as ações de um religioso e o Ciclo do Marabaixo daquele ano. Vejamos um recorte da crônica de Pancrácio Júnior:

Texto1: Recorte do Jorna Pinsonia de 1899

[...] No decorrente anno, exerceu as funções de Juiz da festa o illustrado Sr. Dr. Alvares da Costa⁵, que soube e poude talvez satisfazer aos mais exigentes, e é à expectativa dos devotos: foi todo amabilidade para com todos. Entretanto foi sensível, para maior esplendor, a ausencia do Sacerdote nas solenidades da igreja; falta esta que está desculpada o Sr. Juiz, que providenciou no sentido contrário, contractando para tal fim, como o Sr. Conego Teixeira, que vinha munido de uma portaria do governo bispado. Não sabemos o poderoso motivo que obstou, em caminho, bem próximo, a que o Sr. Conego Teixeira, tivesse faltado a tão sério compromisso. [...] No domingo da festa, em vez da patriarcal missa cantada (quantas pragas, Sr Conego Teixeira...) houve grande ladainha à instrumental. A igreja não tinha um lugar vazio. [...] Do meio-dia em diante, grande parte do povo affluio a casa do Sr. Juiz, onde grande almoço ajantarado estava a disposição de quem o quiz.⁶

Fonte: Pancrácio Júnior, (1899, grifos do autor, *apud* CANTO, 1998, p. 21-25).

O Cônego Teixeira, figura religiosa, foi contratado para coordenar a Festa na igreja de São José de Macapá, no ano de 1899. Contudo, no dia do evento, o religioso não compareceu, pois se tratava do evento tradicional do Marabaixo dentro da igreja de São José. A recusa do padre foi uma forma de discursivizar a respeito dos sujeitos negros e do Ciclo do Marabaixo. Ao mesmo tempo em que o padre silenciava o Ciclo com sua ausência, outros discursos eram produzidos como o(s) discurso(s) da/pela crônica de Pancrácio. Segundo Orlandi (2007, p. 11-12), estar em silêncio é estar em sentido, é produzir sentido, isto é, o silêncio é uma forma de dizer.

O Texto 1 traz o registro do andamento da festa sem a presença da autoridade religiosa do Cônego Teixeira. Assim, o Juiz da comarca de Macapá assume de última hora a coordenação dos festejos do Marabaixo. A ausência do religioso não intimidou os sujeitos praticantes do Marabaixo, pois, de acordo com o texto de Pancrácio Júnior (1899), “No domingo da festa, em vez da patriarcal missa cantada [...] houve grande ladainha à instrumental. A igreja não tinha um lugar vazio”. Desse modo, as ações dos sujeitos negros em continuarem na igreja de São José de Macapá e de substituir a missa, devido à ausência do padre, por ladainhas, foi uma forma de resistência contra a repressão do Cônego Teixeira, representante Igreja.

Passemos da crônica para o gênero cantiga popular chamada de ladrão de marabaixo. Nela, é possível encontrar o funcionamento de um jogo discursivo dos/sobre os sujeitos envolvidos nos festejos do Marabaixo. Assim, o ladrão de marabaixo rouba⁷ um

⁵ Foi o Juiz da Comarca de Macapá na época.

⁶ Esclarecemos que o texto é datado de 1899, logo as palavras estão grafadas na língua portuguesa do século XIX, diferenciando, em alguns casos, da língua portuguesa atual.

⁷ Rouba em um sentido ressignificado, pois, no Ciclo do Marabaixo, essa palavra não traz uma carga pejorativa de delito ou de pessoa com má índole, mas como uma forma de empréstimo ou de apropriação.

acontecimento do dia a dia e leva para dentro do Ciclo do Marabaixo. Seus versos ligam o passado ao presente num movimento em que se roubam versos, acontecimentos, orações e preces, e os reconfiguram em um gênero textual cantiga que transita entre os dizeres religiosos, políticos e de representação social dos/sobre os sujeitos negros.

Selecionamos um ladrão de marabaixo intitulado “Marabaixo” de autoria de Julião Tomaz Ramos (Mestre Julião), gravado posteriormente por Luis Gonzaga e cantado pelos sujeitos negros inseridos no Ciclo. O ladrão “Marabaixo” é tido como um hino para os sujeitos negros do Ciclo do Marabaixo macapaense⁸.

Texto 2: Marabaixo

Luiz Gonzaga

Compositor: (Julião Tomaz Ramos)

Aonde tu vais rapaz?
Neste caminho sozinho } bis
Eu vou fazer minha morada
Lá nos campos do laguinho } bis

As ruas do Macapá
Estão ficando um primor } bis
Tem hospitais, tem escolas
Pros fíos do trabalhado
Mas as casas que são feitas
É só prá morar os doutô

Dia primeiro de junho } bis
Eu não respeito o senhor
Eu saio gritando vivas
Ao nosso governador

Me peguei com São José
Padroeiro de Macapá
Pra Janarí (sic) e Guaracy
Não saíssem de Macapá

4

5 FONTE: VAGALUME. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.VAGALUME.COM.BR/LUIZ-GONZAGA/MARABAIXO.HTML](https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/marabaixo.html)>. ACESSADO EM 09 DE SETEMBRO DE 2016.

Em uma primeira leitura do ladrão de marabaixo (Texto 2), as escolhas linguísticas nos chamam a atenção. Os sujeitos são representados/identificados por sua baixa escolaridade, pois pela falta de concordância de algumas palavras, pela supressão de algumas letras, etc.,

⁸ Aqui, queremos reforçar os esclarecimentos a respeito de três nomes semelhantes, porém com significados diferentes. Utilizamos a expressão *Ciclo do Marabaixo*, *Ciclo* ou *Marabaixo* (sem aspas) para nos referirmos às festividades religiosas. Empregamos o *ladrão de marabaixo* ou *ladrão* para remetermos ao gênero textual cantiga popular. E, por fim, usamos o termo “*Marabaixo*” (com aspas) para nos referirmos à letra da cantiga composta por Julião Tomaz Ramos.

esse texto alude a uma transcrição da fala dos atores sociais com baixo nível de instrução. Isso é uma forma de representar os sujeitos negros do Ciclo do Marabaixo, porque são grupos remanescentes de escravos e de refugiados que não tiveram oportunidades de se qualificarem, visto que é um texto composto no final da primeira metade do século XX. Nesse sentido, vale lembrar que as escolhas linguísticas são importantes porque podem revelar ideias dos/sobre os sujeitos representados na cantiga.

Para melhor analisar o Texto 2, fizemos alguns recortes e selecionamos três sequências discursivas (SDs) expressas abaixo:

SD1

Aonde tu vais rapaz?
Neste caminho sozinho
Eu vou fazer minha morada
Lá nos campos do laguinho

Nessa sequência discursiva temos o diálogo entre alguns sujeitos negros que são representados no ladrão de marabaixo. Esses sujeitos comentam sobre um acontecimento que viria a mudar a vida social da população macapaense, isto é, relembram o processo de remoção de parte da população, especialmente negra, que residia na área central de Macapá. “Os campos do laguinho” corresponde ao Bairro Laguinho, um dos bairros para onde parte da população negra foi realocada.

SD2

As ruas do Macapá
Estão ficando um primor } bis
Tem hospitais, tem escolas
Pros fíos do trabalhado
Mas as casas que são feitas
É só prá morar os doutô

Na SD2, temos os discursos que levam os sujeitos negros a ocuparem a posição de inferioridade em relação à hegemonia branca. Nos versos “Mas as casas que são feitas/ É só prá morar os douto”, temos os dizeres de que eles não são dignos de morarem na área central da cidade. De acordo com Fairclough (2016, p. 95), o discurso implica ser “um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação”. Desse modo, temos a divisão entre a hegemonia dos brancos em relação aos negros. Os sujeitos negros poucos escolarizados tinham que se retirar do centro da cidade. O progresso de Macapá era necessário, mas sem os negros, pois eles não representavam a comunidade social macapaense para as autoridades governamentais.

Em SD1 e SD2, temos uma forma de representar o negro. Para Fairclough (2016, p. 95), o discurso “é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significações do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado”. Nesses termos, é possível visibilizar o discurso do negro posicionado como submisso ao Estado. Contudo, a narrativa desse ladrão de marabaixo trás em seu bojo parte da história do Ciclo do Marabaixo macapaense, faz o registro do conturbado processo de remoção da população negra de Macapá. Assim, consideramos o ladrão “Marabaixo” mais do que uma narrativa com dizeres sobre os sujeitos negros, trata-se de uma representação que remete a valores discriminatórios lançado contra os sujeitos negros, marcados linguisticamente por uma coletivização que priorizam a hegemonia branca.

Fairclough (2016, p. 98) afirma que o discurso, como modo de prática política, estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas, como as classes, os blocos, as comunidades, os grupos, etc., entre as quais existem relações de poder. O caso dos discursos presentes no ladrão de marabaixo que estamos analisando é um exemplo do exercício do poder do Estado, estabelecendo regras de quem pode ou não viver na área central da capital.

Barros (2015, p. 282) afirma que nos discursos de domínio político, a palavra pode torna-se instrumento da política social, porque a mesma atualiza-se frequentemente em gêneros textuais que, sob “o ponto de vista de seu caráter acional, estão a serviço da promoção do bem comum e do suposto controle da ordem social”. Assim, valendo-se de um discurso de progresso urbano, o Estado controlou e transformou a comunidade negra e, devido a sua posição institucional, perante os sujeitos negros, estabelece relações de força e poder.

SD3

Me peguei com São José
Padroeiro de Macapá
Pra Janarí (sic) e Guaracy
Não saíssem de Macapá

Na SD3, temos o apelo do sujeito negro para que o governo (Janary e Guaracy⁹), que trouxe progresso para a comunidade macapaense, não saia da capital. Vale ressaltar que quem discursiviza sobre os sujeitos negros é Mestre Julião o qual fez parte da comunidade negra macapaense do Ciclo do Marabaixo, contudo ele fez a intermediação entre o Governo e o grupo negro no processo de realocação da população negra de Macapá.

⁹ Janary Nunes foi o primeiro governador do estado do Amapá (de 1944 a 1956) e Guaracy Nunes, seu irmão, foi deputado federal.

Nesse sentido, Charaudeau (2006) descreve três lugares de fabricação do discurso político: um lugar de governança correspondente à instância política, um lugar de opinião ligado à esfera cidadão e um lugar de mediação ligado à instância midiática. Esses lugares não são isolados, eles transitam no interior dos grupos sociais. É possível constatar os três lugares de fabricação do discurso político nos versos do ladrão “Marabaixo”, porque as ações do governo recaem sobre a população, seja ela negra ou não, elas produzem dizeres sobre os atores sociais negros e o ladrão “Marabaixo” torna-se o lugar de mediação desses dizeres. Com isso, identificamos discursivamente, na letra do ladrão de marabaixo, a vontade de Mestre Julião em fazer com que os sujeitos negros aceitem a política social do governo em removê-los do centro da capital, para o progresso da cidade. Desse modo, observamos o interesse do Governo em utilizar a voz de Mestre Julião para acalmar os sujeitos negros e conduzi-los a uma aceitação das ações do Estado.

Com esse processo de remoção, os sujeitos negros de Macapá não ficaram em silêncio e continuaram com o Ciclo, resistindo às imposições do Estado, isto é, com a remoção, os festejos que antes eram realizados de forma unificada foram divididos em dois grupos: o Marabaixo do bairro Santa Rita (antigo Bairro Favela) e o do Laguinho. Atualmente esses dois grupos se destacam nos festejos do Marabaixo macapaense.

Analisando os discursos sobre o Ciclo do Marabaixo macapaense, encontramos outro processo de silenciamento que de certa forma interferiu na forma dos sujeitos cultuarem os festejos do Marabaixo. O segundo processo de silenciamento que elencamos foi ocasionado pela Igreja Católica. Em meadas do século XX, a igreja de São José de Macapá “fechou as portas” para o Ciclo por considerá-lo profano e imoral.

Sobre esse assunto, fizemos um recorte de uma entrevista do Jornal Amapá TV¹⁰ em que os sujeitos negros do Ciclo do Marabaixo tentam lembrar a data da última procissão à igreja de São José de Macapá. Vejamos a SD4:

SD4

Josefa Pereira (Tia Zezinha): – No tempo de Dante que nós vinha com essa música e vinha dançar aqui, jogar capoeira, era uma coisa muito bonita. Quando Janary chegou, que veio governar, ele não gostou da coisa, e aí acabou.

Jornalista: – Algumas pessoas das próprias comunidades afirmam que os laços foram rompidos em 1913, mas a tia Luci de 87 anos garante que a data é outra.

¹⁰ Reportagem veiculada no Amapá TV. *APTV: cortejo da murta do Marabaixo em Macapá*. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=fdBtIT_c5qs >. Acessado em 17 de fevereiro de 2017.

Lucimar Araujo Tavares (Tia Luci): – O último Marabaixo que teve aqui no centro, foi em 1947. Aqui no centro.

Fonte: Jornal AMAPÁ TV.

Os relatos dos sujeitos negros da SD4 mostram experiências de quem viveu os dois grandes processos de silenciamento do Marabaixo macapaense no século XX. Josefa Pereira relata sobre o silenciamento promovido pelo governo e Lucimar Tavares relata sobre o fechamento das portas da igreja de São José de Macapá. No entanto, esses acontecimentos não impediram que os sujeitos negros continuassem lançando discursos e a se representarem como sujeitos negros cultuadores do Ciclo do Marabaixo. As procissões até à igreja de São José de Macapá continuaram, porém os sujeitos negros não adentravam em seu interior.

Fairclough (2016, p. 98) chama a atenção para o discurso como prática ideológica. Segundo o autor, a prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder. Assim sendo, o Estado num posicionamento ideológico de urbanização a base do branqueamento da população e a Igreja com um discurso de moralidade contra o Marabaixo inscreveram discursos que transformaram as vidas dos sujeitos negros, ora naturalizando a retirada dos negros da área central da capital, ora transformando e dividindo o Ciclo do Marabaixo macapaense, ora proibindo os festejos do Marabaixo por considerá-los inadequados aos “bons costumes” da Igreja. Desse modo, temos a força de instituições políticas (Estado e Igreja) agindo, produzindo significados sob os atores sociais negros. O discurso como prática social é dependente das práticas ideológica, pois as ideologias “são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 98).

As lutas por uma representação social e identitária dos atores sociais do Marabaixo atravessaram os séculos, e nos primeiros anos do século XXI, os sujeitos negros alcançaram algumas conquistas que foram reflexos das lutas afirmativas do grupo. Para ilustrar algumas das conquistas dos sujeitos negros impulsionadas por suas ações e por seus discursos, citamos a Lei Nº 0845/2004 do Governo do Estado do Amapá.

Texto 3: Lei Nº 0845/2004

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAPÁ,

Faço saber que a Assembleia Legislativa do Estado do Amapá aprovou e eu, nos termos do art. 107 da Constituição Estadual, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º. Fica criado o CICLO DO MARABAIXO E BATUQUE no Estado do Amapá.

Art. 2º. O CICLO terá início no sábado de aleluia (semana santa do calendário cristão) e se estenderá até a primeira quinzena do mês de junho, período dedicado ao Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade.

Art. 3º. O CICLO DO MARABAIXO E BATUQUE se estende a todas as Comunidades, independente do período em que cada uma realiza as festividades em louvor ao Santo Padroeiro.

Fonte: Governo do Estado do Amapá, LEI Nº 0845, DE 13 DE JULHO DE 2004.

As lutas pela autoafirmação dos sujeitos negros, contra o poder dos grupos hegemônicos, fizeram o Ciclo do Marabaixo transcender os séculos. O Ciclo que acontece, principalmente, nos municípios de Mazagão, Santana e, na capital, Macapá conseguiu em 13 de julho de 2004, por meio da Lei Estadual Nº 0845, se representar diante da população do Amapá. Os sujeitos negros conseguiram a lei que cria o Ciclo do Marabaixo e Batuque no estado do Amapá e o reconhece como expressão cultural e social do povo amapaense, bem como o insere no calendário cultural do estado.

Segundo preconiza Fairclough (2016, p. 98-9), o discurso como prática política, além de ser um local de luta de poder, é também um marco delimitador na luta de poder, isto é, “a prática discursiva recorre a convenções que naturalizam relações de poder, ideologias particulares e as próprias convenções, e os modos em que se articulam são um foco de luta”. A Lei Nº 0845/2004 do Estado do Amapá é resultado da resistência dos sujeitos negros amapaenses, além do mais, se inscreve no quadro nacional das lutas e conquistas dos sujeitos negros, pois, como exemplos de conquistas, citamos os sistemas de cotas para ingressar nas universidades brasileiras, a inserção de literatura afro-brasileira nas escolas de educação básica e superior, o reconhecimento em leis e a criação de comunidades quilombolas, etc.

A lei de reconhecimento do Ciclo do Marabaixo veio quase meio século após a remoção dos sujeitos negros macapaenses. Esse reconhecimento foi uma conquista para os sujeitos que vivenciaram a remoção da comunidade negra macapaense, bem como para os familiares e amigos que compartilharam o mesmo sentimento de resistência e de representação social.

Nesse contexto, toda essa luta discursiva de resistência dos sujeitos negros amapaenses proporcionou outro acontecimento representativo para o grupo. Em 2013, eles conseguiram que a Igreja Católica voltasse atrás e reabrisse as portas da igreja de São José de Macapá para o Ciclo Marabaixo.

Amparado em Fairclough (2016, p. 120), acreditamos que a “análise da prática discursiva deva envolver uma combinação do que se poderia denominar ‘microanálise’ e ‘macroanálise’”. A microanálise tem como foco a “explicação do modo preciso como os participantes produzem e interpretam textos com base nos recursos dos membros (sociais)”. Já a macroanálise é o conhecimento da “natureza dos recursos dos membros (como também das

ordens do discurso) a que se recorre para produzir e interpretar os textos”. De acordo com o autor, a micro e macroanálise devem estar inter-relacionadas, pois “a dimensão da prática discursiva (na) teoria tridimensional pode mediar a relação entre as dimensões da prática social e do texto”. Eis o caráter de ACD ser uma análise social e textualmente orientada.

Assim sendo, buscamos mostrar, em nível de macroanálise, como as relações de poder atuam por meio de redes de práticas discursivas, no entanto, procuramos não nos distanciarmos da superfície do texto, isto é, da microanálise. Para isso, recortamos sequências discursivas de reportagem jornalística. Vejamos mais alguns recortes da entrevista retirada do Jornal Amapá TV que fez a cobertura do acontecimento de reintegração do Marabaixo pela igreja de São José de Macapá em 2013.

SD5

Jornalista - O sorriso no rosto, o colorido das roupas e a simpatia dos grupos tradicionais disfarçam um episódio do passado que há vários anos incomodam. O Marabaixo é tão antigo quanto à igreja matriz¹¹. E os arredores da igreja foram durante anos palco desta festa que homenageia a Santíssima Trindade. Mas em um dado momento, as portas da matriz ficaram fechadas para o Marabaixo.

Fonte: Jornal AMAPATV.

As orações “disfarçam um episódio do passado que há vários anos incomodam” e “Mas em um dado momento, as portas da matriz ficaram fechadas para o Marabaixo” são tentativas discursivas de minimizar as ações da Igreja com relação ao sujeito negro. Aqui, temos aquilo que Fairclough (2016, p. 276) chamou de “tecnologias discursivas”, isto é, são mecanismos capazes de dissimular propósitos em textos, eles “estabelecem uma ligação íntima entre o conhecimento sobre linguagem, discurso e poder”. Na primeira oração temos, um episódio que incomoda(ou), no entanto, esse episódio não pode ser dito. No segundo, temos a personificação das portas da igreja, pois o discurso conduz a uma troca de posições, isto é, não foi a Igreja com sua ideologia de dominação que tentou silenciar os sujeitos do Ciclo do Marabaixo, mas é colocado como se as portas fossem o sujeito da ação, absolvendo a real instituição responsável pela proibição do Ciclo nas dependências da igreja de São José de Macapá, isto é, a própria Igreja Católica.

SD6

Jornalista: – Nunca a benção da murta¹² e a entrega da coroa do Divino Espírito Santo foram tão celebradas por quem esteve no cortejo. Mas o momento de maior emoção, foi ouvir os

¹¹ A igreja matriz de São José de Macapá foi inaugurada em Março de 1761 (CANTO, 1998, p. 21).

¹² Planta aromática encontrada na região. O cortejo das murtas faz parte do calendário ritualístico do Ciclo do Marabaixo.

tambores ecoando na igreja, lembrando uma tradição dos primeiros povos daqui. *Um dia histórico que mostra também a volta do respeito da Igreja pelas raízes da cultura amapaense* (grifo nosso).

Fonte: Jornal Amapá TV.

Na sequência discursiva acima, destacamos o último período “*Um dia histórico que mostra também a volta do respeito da Igreja pelas raízes da cultura amapaense*”, pois nele temos o entendimento de que abrir as portas é sinônimo da Igreja voltar a respeitar o Ciclo e os sujeitos negros. Nesse discurso, pode-se fazer a leitura do não dito que algum acontecimento do passado levou a Igreja a perder o respeito pelo Ciclo, no entanto, o jornalista não expõe o fato.

SD7

Lourenço Filho (Padre): – Hoje é um dia que a gente está festejando, celebrando a entrada da coroa, a benção das murtas. E a gente tem que ser uma igreja que saiba dialogar, aproveitar os elementos essenciais da cultura amapaense. A igreja não pode se impor de tal maneira, sem respeitar a tradição... as tradições do povo. E o Marabaixo é uma das maiores expressões culturais que o povo amapaense tem. Então, de certa forma, menosprezar isso, é menosprezar a história, é menosprezar seu próprio povo, é perder a essência da sua própria cultura.

Fonte: Jornal Amapá TV.

O discurso do sujeito institucional padre inicia com a afirmativa de comemoração da entrada da coroa e da benção das murtas e não pelo reconhecimento de uma ação negativa, no passado, por parte da Igreja em não aceitar os elementos culturais dos agentes sociais negros. Nas palavras finais do padre, temos “de certa forma, menosprezar isso, é menosprezar a história, é menosprezar seu próprio povo, é perder a essência da sua própria cultura”, ou seja, a Igreja menosprezou o Ciclo, no entanto, não conseguiu eliminá-lo. É claro que todos os processos de silenciamento do Ciclo foram exercícios de poder e, de certa forma, proporcionaram mudanças na vida dos sujeitos negros e mudanças no próprio Ciclo do Marabaixo.

Segundo van Leeuwen (1997), a respeito de análise do ponto de vista representacional dos atores sociais envolvidos em práticas e eventos sociais, assim como as relações estabelecidas entre esses sujeitos, pode se dar na verificação em termos de que atores são excluídos ou incluídos na representação discursiva, bem como a que atores sociais é dada proeminência. No caso da SD7, de acordo com as escolhas linguísticas do religioso, observamos o apagamento do acontecimento histórico do Ciclo em prol do destaque de elementos discursivos que sustentam os dizeres de uma Igreja acolhedora em relação à diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que os sujeitos praticantes do Ciclo do Marabaixo passaram historicamente por vários processos de silenciamento, operados pelo Estado e pela Igreja Católica, que tentaram acabar com os elementos culturais africanos em Macapá. No entanto, advertimos que essas ações não se limitaram ao Marabaixo de Macapá, mas sim em acontecimentos que de certa forma atingiram todas as manifestações do Ciclo no estado do Amapá. Além disso, os textos aqui analisados representam uma pequena amostra das relações de poder do Estado e da Igreja para com os atores sociais do Ciclo do Marabaixo, assim, os processos de extirpações foram além desses poucos recortes apresentados nesta pesquisa.

Por meio de nossas materialidades discursivas, vimos que, desde o século XIX, o Ciclo sofreu preconceito e uma séria de tentativas de eliminação por ser um ritual com elementos de culturas africanas. Os atores sociais negros mantiveram resistentes, entretanto, em alguns momentos, tiveram que se reinventar e se transformar diante do exercício de poder do Estado e da Igreja. Contudo, eles transcenderam a história com suas lutas, discursos, resistências e, no século XXI, conseguiram o reconhecimento do Ciclo pelo Estado através da lei que criou o Ciclo do Marabaixo e Batuque, além da reabertura da igreja de São José de Macapá para as festividades do Marabaixo.

Por fim, a análise aqui empreendida possibilitou colocar, em visibilidade, os discursos preconceituosos e racistas que estão registrados historicamente em textos que muitas vezes se encontram silenciados. Na outra frente, vimos as lutas por emancipação, por reconhecimento, por representação social através das ações e dos discursos dos atores sociais negros perante o Estado, a Igreja e a sociedade amapaense. A visibilidade desses discursos é uma forma de conscientização contra o poder atuante e hegemônico de pessoas e de instituições, é uma forma de ver o discurso moldado e constituído por estruturas sociais e que funcionam como mecanismo de atuação e de mudança social, podendo atuar também em favor dos desfavorecidos.

Recebido em: junho de 2017
Aprovado em: junho de 2018
ednaldo.tartaglia@gmail.com
[DOI: 10.26512/les.v19i1.10882](https://doi.org/10.26512/les.v19i1.10882)

REFERÊNCIAS

AMAPÁ. *Lei n° 0845*, de 13 de julho de 2004.

BARROS, Dulce Elena Coelho. Discurso parlamentar favorável à redução da maioria penal Brasileira. In: *Discurso & Sociedad*. v. 9, n. 3, p. 276-296, 2015.

CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa. Da Análise do Discurso à Análise Crítica do Discurso: introduzindo conceitos. In: *Desvendando discursos: conceitos básicos* / Carmen Rosa Caldas-Coulthard, Leonor Scliar-Cabral (org.). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

CANTO, Fernando. *A água benta e o diabo*. 2. ed. Macapá: FUNDECAP, 1998.

CHARAUDEAU, Patric. *Discurso político*. Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2006.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

HALLIDAY, M. A. K. Language Structure and Language Function. In: LYONS, J. *New Horizons Linguistics*. London: Pinguin Books, 1970. p. 140-165.

MAGALHÃES, Célia Maria. Percursos das abordagens discursivas associadas à Linguística Sistêmica Funcional. In: VIEIRA, Josenia Antunes, et al. *Olhares em análise de discurso crítica*. Brasília: www.cepadic.com, 2009.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. In: *Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura*. n. 11, p. 1-18, 2009.

OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. Religiosidade popular em comunidades estuarinas amazônicas: um estudo preliminar do marabaixo no Amapá. In: *Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, v. 45, n. 49, s/p, agosto de 1999.

ORLANDI, Eni. Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

PEREIRA, Nunes. *O Sahiré e o Marabaixo: tradições da Amazônia*. Recife: FUNDAJ, Editora Massangana, 1989.

SILVA, Denize Elena Garcia da; RAMALHO, Viviane. Análise de discurso crítica: representações sociais na mídia. In: LARA, G. M. P. et al. (Orgs.). *Análise do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008, p. 265-291.

_____. Estudos críticos do discurso no contexto brasileiro (por uma rede de transdisciplinaridade). In: *Eutomia*. Recife, v. 5, p. 224-243, 2012.

TARTAGLIA, Ednaldo. *Imigrantes Haitianos: da dinâmica de saída à dinâmica de entrada*. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Núcleo de Ciências Humanas, Porto Velho, 2014.

TARTAGLIA, Ednaldo; BURGEILE, Odete. Estratégias linguísticas para a aquisição da língua portuguesa por um grupo de imigrantes haitianos. *Revista Prolíngua*. v. 10, n. 2, p. 45-55, jun./jul. de 2015.

TV AMAPÁ. *APTV*: cortejo da murta do Marabaixo em Macapá. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fdBtIT_c5qs>. Acesso em: 17 fev. 2017.

VAN LEEUWEN, Theo. A representação dos actores sociais. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). *Análise Crítica do Discurso*: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Caminho, 1997, p. 169-222.

VIDEIRA, Piedade Lino. O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses. In. *Revista Palmares*: cultura afro-brasileira. Ano X, ed. 8, p. 16-21, novembro, 2014.